

# A ESCOLA COMO UNIVERSO DE SOFRIMENTO E APRENDIZADO INVERSO EM RAUL POMPEIA

---

**Glauciene Cristina dos Santos Panta Araújo**

No Brasil do fim do século XIX, Raul Pompeia (1863-1895) viveu sob um rígido sistema de valores morais. Apesar disso, trouxe à tona um assunto perturbador. Em seu livro **O Ateneu**, fez críticas ao rígido sistema da “pedagogia do sexo voltada para a formação de homens da classe dominante” (MISKOLCI; BALIEIRO, 2011, p. 74). Tratou, portanto, de um assunto bastante polêmico à época, enfatizando que essa pedagogia estava presente na elite dominante e tinha reflexos na “ordem política e social em decadência em que as experiências subjetivas refletiam a ordem política corrupta” (MISKOLCI; BALIEIRO, 2011, p. 75).

A obra se tornou, então, alvo de críticas. Por um lado, foi vista como incentivadora do homossexualismo, pois seria uma autobiografia do autor, que também havia estudado em um internato. Além disso, o livro era publicado

diariamente em folhetins e se encerrou bruscamente com o incêndio do colégio. Sendo assim, os críticos associaram o final do livro com o fim do período imperial e escravocrata, uma vez que, por causa da forma como era dirigido, o Ateneu era associado às instituições monárquicas (MISKOLCI; BALIEIRO, 2011, p. 75).

O livro causou tanta repercussão que Pompeia foi demitido do cargo de diretor da Biblioteca Nacional, sendo atacado por jornais de grande circulação (MISKOLCI; BALIEIRO, 2011, p. 83). Na luta para defender a própria honra, Pompeia se suicidou, o que dividiu as opiniões. O escritor deixou uma carta de despedida endereçada não a um amigo ou familiar, mas ao público. Cedendo às pressões da opinião pública, Pompeia levou o caso até as últimas consequências (MISKOLCI; BALIEIRO, 2011, p. 73).

## RESUMO DE O ATENEU

**O Ateneu** (POMPEIA, 1996), narrado em primeira pessoa, conta a história de Sérgio. Trata-se de um romance memorialista, no qual um adulto relembra o tempo do colégio. No primeiro contato com o internato, aos onze anos de idade, o pai lhe disse: “Vais encontrar o mundo”; portanto, “coragem para a luta”. Na fala do pai, Pompeia distingue dois mundos diferentes e opostos entre si: um representa o universo doméstico e o outro o mundo externo, cheio de desafios, onde o menino teria que aprender a enfrentar os desafios e, mais para frente, a imagem da própria sociedade, o que faz com que o narrador lembre, em vários episódios, essas palavras, ora lembrando a infância, ora descrevendo o Ateneu como um lugar de luta e sofrimento constante (SANDANELLO, 2015, p. 120).

A primeira recepção no colégio pelo diretor Aristarco foi amigável, “mas ainda demonstrava ser apenas um empresário de férias” (SANDANELLO, 2015, p. 131). No segundo encontro, ele se apresentou como gerente da instituição, sem traços parentais e totalmente voltado para o capitalismo. Naquele momento, Sérgio já pôde antever alguma coisa do que viveria no Ateneu, pois habitavam no diretor duas personalidades opostas: uma era o educador e a outra o empresário (SANDANELLO, 2015, p.133). Sérgio se recusava, portanto, a ver Aristarco como figura paterna, pois preferia deixar bem clara a distinção entre a relação comercial e a afetiva (SANDANELLO, 2015, p. 134).

Logo no segundo capítulo, Sérgio descobre que uma das características predominantes no Ateneu era sua lealdade à moralidade da época. Ao travar as primeiras amizades, descobre, porém, que as coisas não eram como pareciam. Um colega lhe descreveu que havia, na escola, um sistema informal de proteção que era pago com favores sexuais. Tampouco demorou para que compreendesse a razão desse sistema, uma vez que passou a ser intimidado por outro menino: o Barbalho.

No capítulo três, por causa de um acidente na natação, acaba travando amizade com um menino chamado Sanches, que o cobria de atenções e o ajudava com as tarefas escolares. No entanto, decidiu afastar-se desse rapaz, cansado de suas investidas sexuais. Sem a ajuda do rapaz que o cortejava, Sérgio viu, no quarto capítulo, suas notas despencarem. Lidou com essas pressões recorrendo à religião, pois era devoto da Santa do Rosário. Além disso, acabou se unindo a um rapaz chamado Franco para perpetrar uma espécie de vingança contra os outros meninos. Franco era um aluno indisciplinado que, sob a autorização do pai, sofria as mais duras penalidades no internato. Entretanto, o plano de jogar cacos de vidro na piscina não deu certo.

A partir do quinto capítulo, Sérgio decide se dedicar ainda mais à religião. No entanto, sua devoção era prejudicada pela presença da camareira Ângela, uma das poucas mulheres no Ateneu, cujo coração era disputado por dois funcionários e cuja disputa acabou na morte de um deles. No sexto capítulo, Sérgio finalmente se coloca sob os cuidados de Bento Alves, o bibliotecário, rendendo-se aos encantos desse rapaz forte e bravo. Passou,

portanto, a se sentir protegido e, por isso, fazia-lhe favores. Não andavam juntos; porém, ficavam se entreolhando, o que acabou gerando uma briga com outros rapazes. No sétimo capítulo, o holofote recai sobre Rômulo, o rapaz que namorava Melica, a filha do diretor, e que participava da banda da escola. Apesar disso, sofria a chacota dos meninos por estar fora do peso, sendo chamado de “mestre cook”.

O capítulo 8 inaugura o segundo ano de Sérgio no Ateneu. Por causa da descoberta de uma carta reveladora de um romance entre alunos, o diretor forma o grupo de vigilantes, alunos mais experientes que cuidariam em vigiar os demais. Isso abalou consideradamente a relação entre Sérgio e Bento Alves, que terminou de forma abrupta. Bento Alves, depois desse acontecido, saiu do colégio. No Ateneu, havia certas relações de poder, nas quais a ordem só poderia ser estabelecida se os agentes, mesmo “em posições diferentes, tivessem o mesmo ponto de vista”; assim, “os vigilantes exerciam a função de poder, podendo disciplinar e até usar a força para controlar os alunos” (SANTOS; MARCHI, 2013, p. 346). Ou seja, o internato era composto por dominados e dominantes, sendo que todos eram dominados por Aristarco. Aristarco transmitia carinho aos alunos, ao mesmo tempo que se apresentava como superior e prepotente dominador (RIBEIRO, 2016, p. 11).

No nono capítulo, Sérgio inicia, então, sua terceira relação marcante no colégio. Com Egbert, não tinha a relação de protetor e protegido. Foi, por isso, uma paixão que acabou logo porque não oferecia muitos benefícios ao rapaz.

No décimo capítulo, já na condição de veterano, Sérgio passou a dormir em outro dormitório, com meninos mais experientes. Ali, descobriu novas regras e sigilos. Sérgio aproveitou-se disso para executar sua vingança contra Rômulo. No décimo-primeiro capítulo, o colégio fica em festa para a distribuição bienal de prêmios, com a presença de muitos alunos e convidados. Finalmente, no último capítulo, Dona Ema, esposa de Aristarco, que era a enfermeira, cobriu Sérgio de cuidados e carinhos por força de uma enfermidade da qual o rapaz padecia. Em sua imaginação, porém, isso equivalia a um romance. Durante seu contato com a mulher, foram surpreendidos, entretanto, pelo aviso de que o colégio estava pegando fogo. Américo, um aluno insatisfeito de estar no internato havia colocado fogo no colégio. O diretor lamentou a destruição de todo o material didático e a queda de seu império.

## **SOFRIMENTO E APRENDIZADO EM O ATENEU**

No caso do Ateneu, Sandanello (2015, p. 17-18) considera a obra como a narrativa de aprendizado de Sérgio, isto é, como o *Bildungsroman* do personagem, ou seja, o desenvolvimento do personagem ao longo da história. Apesar de o livro ser uma narrativa do menino Sérgio, parte sempre do “prisma óptico do adulto”, pois foi escrito por ele já adulto, quando já tinha uma visão mais ampla dos acontecimentos e buscava avaliar o aprendizado em relação às situações vividas quando criança (SANDANELLO, 2015, p.

28 e 30). **O Ateneu** é, além disso, um reflexo da sociedade, uma vez que as atitudes dos meninos representariam as atitudes dos adultos que posteriormente se tornariam (SANDANELLO, 2015, p. 29).

Desde o dia em que foi separado do pai, Sérgio foi bombardeado com diversas emoções, algumas de deslumbramento com a festa da ginástica, que descreveu minuciosamente. Outras, de suspense, pois não entendia, naquele momento, o que abrangiam os conselhos do pai (SANDANELLO, 2015, p. 120 e 124). A jornada da escola deveria ser um período de “aprendizado e humanização” (FARIAS, 2019, p. 14), mas o que vemos nos acontecimentos narrados por Sérgio é que “o Ateneu era um ambiente de sobrevivência, deformação e desumanização”, o que representava bem “os aspectos residuais na educação brasileira do século XIX” (FARIAS, 2019, p. 8 e 15). A princípio, Sérgio até que teve uma boa impressão do colégio, embora relute em se desligar do lar. Tinha sido seduzido pela apresentação dos alunos e pelo acolhimento inicial do diretor. Porém, essa “imagem paterna e protetiva do educador vai se degradando na narrativa” (FARIAS, 2019, p. 41). De qualquer forma, o rompimento dos laços familiares muito lhe abalou a vida pessoal (SANDANELLO, 2015, p.118). Além disso, no Ateneu, tentavam corrigir os alunos com castigos, vigilância, humilhação e outras penalidades. Usando o poder da disciplina escolar, tentavam controlar os atos principalmente daqueles que fugiam às regras (SANTOS; MARCHI, 2013, p. 340).

De fato, na luta pela sobrevivência, houve o que poderíamos chamar de deformação em um ambiente conturbado e distorcido, no qual engendrava-se “uma estrutura de relações objetivas” (SANTOS; MARCHI, 2013, p. 342). Em meio às provações do internato, Rabelo, Sanches, Franco, Barreto, Bento Alves e Egbert representaram proteção, acolhimento e amizade, embora Sérgio tivesse que se virar para se relacionar e sobreviver em meio aos muitos desafios. Por isso, Farias (2019, p. 72) considera que “Sérgio e os outros meninos são os guerreiros em constante luta no sistema desumano de ensino do internato”. A saída do internato representou, para eles, o “renascimento para a maturidade”, pois “desse incêndio o que resta são as cinzas que, simbolicamente, representam os resíduos culturais na educação”; de fato, “mesmo que as experiências dos garotos tenham sido traumáticas, houve aprendizado” (FARIAS, 2019, p. 70 e 72).

Sérgio intuía que tinha que ser forte e, como a figura paternal de Aristarco não lhe inspirava emulação, sua conclusão era a de que o caráter que deveria levar para a vida adulta, seria o que tinha desenvolvido em casa e não aquele que o colégio lhe forjaria (SANDANELLO, 2015, p. 139). Ele passou a entender que a escola era um espelho da sociedade e que deveria ter coragem para enfrentá-la, sendo que, outras vezes, era necessário se mostrar submisso. Na escola como fora dela, havia falsas amizades e desacordos. Em realidade, o Ateneu era o lugar dos desapossados de poder, os que tinham funções delegadas, os bajuladores e os que “questionavam a natureza do internato”, todos dominados pela “onipresença do diretor”, sendo, portanto, o inverso do universo doméstico (SANDANELLO, 2015, p. 149).

Em última análise, Sérgio foi o responsável por desmascarar o diretor na “esfera pedagógica, esfera pública e esfera moral”, pois Aristarco não era nada do que pretendia ser; assim, na esfera pedagógica, por exemplo, deixava indícios de que não dominava os assuntos que fingia ensinar, o que ficou claro em sua aula de astrologia (SANDANELLO, 2015, p. 153). De fato, de acordo com Sandanello (2015, p. 187), Sérgio ressaltava o autoritarismo dos professores e funcionários, o oportunismo dos colegas, a opressão do Ateneu e a falha dos métodos escolares, mas em algum ponto admite as próprias falhas (SANDANELLO, 2015, p. 187). Isso ele não aprendeu.

## CONCLUSÃO

O livro de Pompeia pinta um modelo educacional que definitivamente padecia de equívocos e erros danosos. Não era o ambiente ideal para o aprendizado. Além disso, o sofrimento que promovia era desnecessário e cruel. No entanto, mesmo em condições tão adversas, havia aprendizado. O poder disciplinador, por mais inadequado que seja, não deixa de gerar ordem (SANTOS; MARCHI, 2013, p. 354).

Obviamente, não se defende, aqui, o sofrimento pelo sofrimento. O aprendizado pode e deve prescindir de todo sofrimento fútil e inútil. Pompeia revela a face mais óbvia de uma escola que acaba por se tornar um universo de sofrimento no qual o que ocorre é, primeiramente, o inverso do aprendizado. Ainda assim, há aprendizado. Se o sofrimento não representa a melhor forma de aprender, ele garante que alguma coisa será aprendida a fim mesmo de evitar sua repetição. Afinal de contas, aprendemos com bons e maus exemplos. Nesse ponto, a escola nos ajuda a aprender mesmo que seja por contraste...

## REFERÊNCIAS

FARIAS, Izabely B. **A jornada do herói Sérgio e dos outros meninos n’O Ateneu, de Raul Pompeia**. Orientadora: Cássia Maria Bezerra do Nascimento. 2019. 76 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários) – Universidade Federal do Amazonas, UFAM, Manaus, 2019.

MISKOLCI, Fernando; BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. O drama público de Raul Pompéia: sexualidade e política no Brasil finissecular. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 26, n. 75, p. 73-85, 2011.

POMPEIA, Raul. **O Ateneu**. 16. ed. São Paulo: Ática, 1996.

RIBEIRO, Luís Guilherme M. **Ritmos, tropos e figuras em Raul Pompeia: pequena análise d’O Ateneu**. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da USP, 2016. p. 3-13. Disponível em: [www.academia.edu](http://www.academia.edu). Acesso em: 28 jul. 2022.

SANDANELLO, Franco B. **O escorpião e o jaguar: o memorialismo prospectivo d’O Ateneu, de Raul Pompeia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

SANTOS, Tiago R.; MARCHI, Rita de Cássia. *O Ateneu: uma análise de mecanismos disciplinares no romance de Raul Pompeia*. **Educação & Realidade**, v. 38, n. 1, p. 339-356, 2013.